

VISÃO CRISTÃ DO TRABALHO E MARXISMO

BERTRAND DE MARGERIE

O marxismo, exaltando e mesmo idolatrando os valores do trabalho, constitui, por sua reflexão sempre renovada, um estímulo perpétuo, um desafio para o pensamento cristão. Ao mesmo tempo que ocasiona, da parte dos intelectuais católicos, uma eflorescência na análise do trabalho humano, não se pode dizer, contudo, que êle a cause. A Revelação cristã, com efeito, apresenta-nos na Bíblia uma reflexão já muito rica sobre o labor. As relações que unem e distinguem trabalho, por um lado, criação, redenção e repouso escatológico, por outro, devem ser de novo pensadas à luz do Antigo e do Novo Testamento, da obra de SANTO TOMÁS DE AQUINO e das encíclicas sociais de JOÃO XXIII. O pensador católico descobrirá, em sua própria e antiga tradição, novas riquezas, se êle consentir em não fazer abstracção do fundo de tela marxista, inolvidável na paisagem intelectual da nossa época. O eventual leitor marxista destas páginas pode ser desde já advertido de que não encontrará nelas uma resposta completa às suas dificuldades e legítimas perguntas no tocante à "visão cristã do trabalho": não se trata aqui de uma dissertação sobre a "espiritualidade da reivindicação"; basta dizer que JOÃO XXIII reconheceu o valor espiritual e religioso, digamos mais, o dever da reivindicação dos direitos pessoais e alheios (Pacem in Terris, § 44-5), como caminho que conduz a Deus, tanto que não seja isolado do cumprimento do dever de trabalhar.

A REFLEXÃO filosófica e teológica sobre o Trabalho é uma das características do Século XX. Nos meios católicos, destacavam-se, antes da última guerra, as obras de HAESSLE, BORNE e HENRY, e, depois, o Pe. CHENU,

OP., publicou sua conhecida *Teologia do Trabalho*. Esta reflexão foi, sem dúvida, em parte ocasionada e estimulada pelo êxito do pensamento marxista. Ora, precisamente, certa renovação do pensamento marxista seguiu a publicação, em 1932, dos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* que o jovem MARX tinha escrito em 1844, e que tinham permanecido, durante quase um século, inéditos.

É nosso propósito mostrar aos nossos leitores como a análise destes *Manuscritos*¹ revela um estreito paralelismo antitético do pensamento marxista com a doutrina cristã sobre criação, alienação e redenção, e escatologia ou "novíssimos". Conforme um método preconizado por PIO XII,² o confronto fecundante com o marxismo nos permitirá ver mais claramente em que sentido o trabalho é criado e criador, alienado e "alienante", mas redimido e corredentor, desembocando, por isso, no repouso escatológico, que é, simultaneamente, sua recompensa e a suprema atividade do homem. Temos assim delineado o roteiro que vamos seguir.

TRABALHO CRIADO E CRIADOR

Aos olhos do jovem "socialista" que é MARX em 1844, "o conjunto do que se chama história mundial nada mais é que a criação do homem pelo trabalho humano, e a emergência da natureza para o homem". "Ele tem, portanto, a prova evidente e irrefutável de sua *autocriação*." Mas "a consciência popular é incapaz de conceber a natureza e o homem existindo por sua própria conta" (MEF, III, 133-132).

Neto e bisneto de rabinos, educado num meio vagamente protestante, MARX tinha sido tão influenciado (sobretudo através de HEGEL) pela Revelação do Antigo e do

¹ Estes "manuscritos" foram publicados em português na tradução do livro de ERICH FROMM, *Conceito Marxista do Homem*, Zahar, Rio, 1964. Citamos os "manuscritos" utilizando a sigla MEF seguida do número do manuscrito e do número da página na edição de FROMM. Outra sigla utilizada: MM, para designar a encíclica *Mater et Magistra* do Papa JOÃO XXIII, com o número do parágrafo entre parênteses, conforme a edição do Documento Pontifício 135 da Editora Vozes.

² PIO XII, encíclica *Humani Generis*, D.P. 62, § 9: "esses mesmos erros incitam a inteligência a perscrutar e a examinar certas verdades filosóficas e teológicas com maior atenção".

Nóvo Testamento, que êle chegava a desconhecer um fato histórico da maior importância: a "consciência popular" dos povos não atingidos por esta Revelação (como da Índia na sua época, ou da antiga Grécia, ou da Babilônia pré-bíblica) nunca foi penetrada pelo conceito da criação, *ex nihilo*, do mundo por um Deus transcendente e imanente.

Sem se dar conta da repetição, MARX reproduzia, em linguagem moderna, os velhos mitos babilônicos que os autores dos primeiros capítulos do Gênese tinham corrigido e purificado ao utilizá-los: "segundo os mitos babilônicos, o mundo começou a existir por efeito de um conflito e de uma decapitação de deuses", diz resumidamente HÄRING.³ Não é a "decapitação dos deuses" a antecipação mítica das lutas de classes pelas quais, aos olhos de MARX, se realizaria a "autocriação" do homem?

Não podemos excluir que MARX nunca tenha entendido bem o conceito bíblico e racional de criação: não transformação de uma matéria preexistente, mas posição total por uma liberdade absoluta no ser — contingente — de um universo físico e de liberdades pessoais, tanto mais senhoras de si quanto aceitam mais sua dependência ontológica. Partindo de um postulado absurdo⁴ e que parece indicar considerável orgulho pessoal:⁵ "um ser só é seu próprio senhor quando deve sua existência a si mesmo", MARX não podia deixar de ficar cego perante o valor infinito da liberdade finita que manifesta o mistério da Criação à luz da Encarnação Redentora: *datus et redditus, me pro me debeo et bis debeo*: dado e restituído a mim mesmo, devo dar-me, por dois motivos, a meu Doador", tinha escrito SÃO BERNARDO.⁶ Êle não podia reconhecer que uma liberdade criada e limitada é ainda uma liberdade: tendo fixado os olhos sôbre

³ B. HÄRING, C. SS. R., *A Lei de Cristo*, Herder, São Paulo, 1961, t. II, págs. 492-505.

⁴ Postulado absurdo: se o homem é "criado pelo trabalho humano" dos outros homens, quem deverá a sua existência a si mesmo e quem não será assenhoreado pelos outros em lugar de ser senhor de si mesmo?

⁵ MEF, III, 132. MARX, ao criticar os "princípios sociais do cristianismo" (12-9-1847, MARX-ENGELS WERKE, IV, 200) ataca em particular a humildade cristã e sua filha, LAURA, diz que a submissão representava a sua idéia da desgraça" (cf. FROMM, *Conceito...*, pág. 230).

⁶ Citado por E. GILSON, *Théologie mystique de S. Bernard*, Paris, Vrin, 1934, pág. 51.

o movimento, fugia do seu olhar mental o ser como tal, o ser finito que exige uma causa.⁷

Transformando a criação numa mera transformação de matéria preexistente, MARX devia concluir: a história é autocriação do homem, pelo trabalho. Se dermos o mesmo sentido à palavra "criação", podemos, até certo ponto, fazer nossa a fórmula. Mas melhor seria dizer com BORNE: "O trabalho não é exatamente criador. Ele utiliza energias que não inventou. Mas ele coopera com a criação."⁸ Não admira que MARX tenha tido um conceito estático da criação, que lhe vedava a visão de um acabamento possível desta criação mediante a *colaboração* da liberdade criada com a Liberdade incriada: como lhe teria sido possível aceder à tal noção no ambiente *luterano* em que cresceu e que influenciava toda a filosofia idealista, que ele bebeu na mocidade para só em aparência rejeitá-la?⁹

Esta visão, contudo, é aquela que haurimos nas primeiras páginas da Bíblia: o homem, criado (no sentido estrito) à imagem e semelhança do Deus Criador, foi criado criador (no sentido lato), e convidado por Deus a possuir, dominar e transformar a natureza por seu trabalho, a humanizá-la. "Colocou Deus o homem no paraíso de delícias para que o cultivasse" (Gn 2, 15; Gn 1, 26-8).

"Criado por Deus à Sua imagem, o homem deve cooperar com o Criador no acabamento da criação, e marcar, por seu turno, a terra com o cunho espiritual que ele mesmo recebeu", mandava escrever o Papa PAULO VI à semana social francesa de 1964.¹⁰

Criado criador, isto é, causa segunda que participa da dignidade e do poder da primeira, o homem atualiza sua semelhança com Deus só mediante o "concurso" (expressão

⁷ MARX permaneceu cego perante o ser, e considerou só a ação transcente: "o trabalho é a essência do homem" (citando HEGEL, MEF, III, 163).

⁸ ETIENNE BORNE et FRANÇOIS HENRY, *Le travail et l'homme*, Desclée de Brouwer, Paris, 1937, pág. 138. Obra notável.

⁹ Desde LUTERO até CARLOS BARTH, o pensamento protestante sempre hostilizou a doutrina católica sobre o papel da liberdade humana em sua própria e eterna salvação. Ora, sem LUTERO e sua rejeição da analogia, como da não-corrupção ontológica da natureza humana pelo pecado, KANT e HEGEL seriam inconcebíveis...

¹⁰ Carta pontifícia de 25-6-1964, *Documentation Catholique*, 2-8-1964, col. 981.

aliás equívoca) do primeiro e eterno Agir com sua ação transeunte e transformadora. "Sem Mim, não podeis fazer nada", estas palavras do Verbo Encarnado (Jo 15, 5) que dizem respeito à graça atual na ordem sobrenatural, valem também acêrca do Verbo Criador na ordem natural. Sem o constante impulso e sem a constante ajuda do Deus Criador, o homem não pode — conforme a bela expressão de Pio XII¹¹ — "tecer a sua história, isto é, cooperar com Deus na execução de uma realidade digna do seu sujeito, e, ao mesmo tempo, do designio do Criador". Não foi só num longínquo passado, mas a cada instante da sua história, que o homem é criado criador e tecedor da história universal, pelo trabalho. Cada um deve poder fazer suas as palavras do Carpinteiro de Nazaré: "Meu Pai opera até hoje, e Eu também" (Jo 5, 17).

Esta fonte e esta finalidade divinas de seu agir histórico, o homem as reconhece pelo repouso contemplativo do culto, inseparável da atividade criadora do trabalho. No culto sacrificial, o trabalhador proclama e reconhece o domínio supremo do Trabalhador Eterno sôbre seus trabalhos temporais, êle confessa sinteticamente a sua impotência sem Deus e a sua onipotência em Deus, e com Deus, aceitando o seu dever de tecer a história.

Por outras palavras, no sacrifício Eucarístico o trabalhador reconhece na ação de graças que êle não é sua própria "origem", seu "criador", nem (no sentido estrito da palavra) criatura da história mundial que êle tem missão de tecer, por sua parte, como seu sujeito ativo, e não só como objeto amado dos designios do Tecelão incriado, supremo Sujeito.

Mas na Missa como na vida cotidiana, não é nunca um homem isolado que teca a história, sagrada ou profana, ou, melhor, que consagra a história. É o homem um animal social e político, e sobretudo animal religioso, mesmo nas atividades sociais e políticas. "Feito pela comunidade dos homens, o trabalho os une entre si numa estreita interdependência, e se ordena normalmente ao bem comum", dizia ainda PAULO VI na referida mensagem.

¹¹ Pío XII, Mensagem Natalícia de 1956, D.P. 118, § 31 (Vozes).

Foi este aspecto que MARX entreviu, mas exagerou tanto que chegou a falseá-lo, no seu conceito de *ente genérico*. Conceito inconscientemente idealista: embora MARX não queira confessá-lo claramente, o homem chega a ser uma abstração, que desaparece em prol da humanidade (cf. MEF, III, 126). Nesta exaltação da sociedade, MARX chega, sem o perceber, a negar sua famosa "autocriação" do homem, quando não hesita em afirmar: "da mesma forma que a sociedade produz o homem como homem, também ela é produzida por êle" (MEF, III, 124). Se a sociedade produz o homem como homem, como se pode falar em autocriação? O homem individual, tendo que se considerar como dependente da sociedade à qual deve a existência, não será mais o seu próprio senhor: não seria possível afirmar que MARX trocou o monoteísmo ancestral pelo politeísmo? (cf. o texto já citado de MEF, III, 132.)

Com efeito, uma análise exaustiva, aliás impossível aqui, do conceito de ente genérico¹² nos levaria à espantosa conclusão à qual conduziu o marxólogo dominicano francês, Pe. D. DOGNIN, no termo dum brilhante trabalho cujas sinuosidades não poderemos seguir: FEUERBACH e MARX, este último no conceito de ente genérico, o primeiro no de comunista, assimilaram a sociedade humana à sociedade das Três Pessoas que o mistério cristão descobre em Deus, afirmando que todos os indivíduos do gênero humano constituem um só Homem, como os cristãos anunciam que as Três Pessoas divinas são um só Deus. Aos olhos de FEUERBACH e de MARX, vítima do idealismo que êle pretendia combater, a essência humana não é numericamente divisível nem efetivamente dividida, encontra-se só na comunidade da humanidade inteira. Dizer, com o jovem MARX, que o homem é um ente genérico, é idênticamente afirmar, com o MARX maduro, no *Capital*,¹³ que o traba-

¹² Traduzimos assim a expressão alemã de MARX (*Gattungswesen*). A tradução de FROMM (ente-espécie) parece menos exata. O ente genérico de MARX é o homem como ser consciente, livre, universal (MEF, I, 99-100), distinto do animal. No pensamento de MARX, o "ente genérico" parece conotar não só a distinção do homem para com o animal, mais ainda o liame que une o homem aos outros homens, e mesmo o liame sexual (*Gattung* pertence à mesma família verbal que *gattin*, esposa): cf. MEF, III, 122.

¹³ K. MARX, *O Capital*, fim do livro I.

lhador é sòmente membro da *única* fôrça de trabalho da humanidade, é referir ao gênero (categoria lógica, identificada com a natureza, com a essência metafísica do homem, o que revela uma sub-reptícia permanência do idealismo no materialismo marxista), à humanidade, a dignidade do trabalhador e da pessoa.¹⁴

Sem entrar em todos os pormenores da demonstração do Pe. DOGNIN, sublinhemos os aspectos essenciais, para podermos depois frisar melhor, à luz de Pio XI, o sentido aceitável e profundo da fórmula marxista: "a sociedade produz o homem como homem, e também é produzida por êle".

Escrevia MARX, comentando uma tese de FEUERBACH: "a essência do homem não é uma abstração inerente a cada indivíduo de per si. Na realidade, ela é o conjunto (agregado) das relações sociais".¹⁵ FEUERBACH, neste ponto seguido por MARX (MEF, III, 122-4), escrevia ainda: "a essência do homem não é contida senão na comunidade, na unidade do homem com o homem, unidade baseada só na distinção real do eu e do tu. FEUERBACH transpõe exclusivamente para a comunidade a essência do homem, homem comunitário, comunista". Por outras palavras, aos olhos de FEUERBACH e de MARX, o comunismo, antes de ser um programa de ação, é descoberta da natureza comunitária e da personalidade única de todos os homens reunidos na Humanidade.¹⁶

¹⁴ Cf. P. D. DOGNIN, OP, "aux sources philosophiques du collectivisme marxiste", apud *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques* (RSTP), 1964, págs. 418-9. O pensamento de DOGNIN encontra sua confirmação em MEF, I, 100: "... o homem, ... ente-espécie consciente, isto é, um ser que trata a espécie como seu próprio ser"... A humanidade de MARX evoca os erros do averroísmo latino: MARX como AVERROES a concebe como uma só pessoa imortal, composta de membros mortais (cf. o dicionário *Catholicisme*, Paris, Letouzey, vol. I: art. Averroes). SANTO TOMÁS DE AQUINO não podia prever que, ao refutar AVERROES, estava com antecedência "dialogando" com HEGEL e MARX.

¹⁵ FROMM (*Conceito marxista...*, pág. 81), no seu desejo de salvar em MARX um "humanismo personalista", parece cair ao mesmo tempo numa contradição e num erro, quando analisa este texto. No mesmo texto de MARX, um pouco mais adiante (FROMM, pág. 81), lemos: "a essência do homem pode ser entendida *sòmente* como generalidade que une naturalmente os indivíduos". Se a essência do homem é só "conjunto de relações sociais, generalidade que une os indivíduos", como poderá ela estar no indivíduo humano, concreto, distinto dos outros?

¹⁶ DOGNIN, op. cit., pág. 422.

E FEUERBACH, em duas obras distintas,¹⁷ compara as pessoas na humanidade, com a Trindade: "Há três pessoas, mas não são essencialmente distintas (isto é, distintas por sua essência). Três *personae* aber *una essentia*. A isso, pode-se chegar naturalmente. Podemos, nós, pensar três e mesmo um grande número (de pessoas) idênticas na sua essência. Se nós nos distinguimos uns dos outros, nós, os homens, é por diferenças pessoais, mas na coisa principal, na essência, na humanidade, somos um (*eins*)."

Por outras palavras, a Revelação sobrenatural do mistério trinitário foi, historicamente, a condição de possibilidade da elaboração do ente genérico do comunismo que o naturalizou ("a isso pode-se chegar naturalmente"), o negou e combateu mediante o politeísmo antropólata. FEUERBACH, que cita com precisão SANTO TOMÁS DE AQUINO, "um dos maiores pensadores cristãos",¹⁸ não observou que o teólogo cristão ofereceu com antecedência a base sólida de uma refutação do marxismo ao denunciar o "averroísmo latino", que já professava, como o ARISTÓTELES histórico, a personalidade única do gênero humano. Respondia SANTO TOMÁS: "a unidade ou comunidade da natureza humana não é real, mas lógica (*non secundum rem, sed secundum considerationem*). Chamamos SÓCRATES e PLATÃO e CÍCERO três homens, nos quais há três humanidades: SÓCRATES significa *esta carne e êstes ossos*. Ao passo que dizemos: o Pai e o Filho e o Espírito Santo não são três deuses, mas um só Deus, com uma só essência divina na realidade".¹⁹ A unidade da natureza humana nos seus vários supósitos é unidade, não de confusão, como um acervo de pedras, mas de ordem, sem ser identidade, precisava o S. Doutor.²⁰

Identificando a categoria lógica do gênero com a realidade da natureza humana, numa atitude idealista concreta-

¹⁷ *Princípios da filosofia do futuro e Essência do Cristianismo*; cf. DOGNIN, op. cit., pág. 423. O texto de FEUERBACH citado aqui se encontra em *Das Wesen des Christentums*, Leipzig, Reclam, 1904, pág. 342.

¹⁸ *Ibid.* pág. 238. FEUERBACH citava com exatidão SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologica*, I, 60.5 e I.II.4.8.

¹⁹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologica*, I.39.4.3; I.39.3.

²⁰ *Ibid.* Uma tradução portuguesa completa da *Summa Theologica* foi publicada recentemente pelo Professor ALEXANDRE CORREIA, de São Paulo.

mente inseparável da sua negação do Logos Criador,²¹ MARX despersonaliza a pessoa humana, simples "modo" da humanidade²² sob pretexto de divinizar a humanidade, e por causa desta divinização. Negando a atividade criadora comum às Três Pessoas Divinas, êle atribui ao comunismo a possibilidade de superar a divisão do trabalho, mediante uma *única* força de trabalho social da *única* pessoa constituída pela humanidade inteira, ente genérico, isto é, como veremos no fim do nosso trabalho, a possibilidade de superar as condições atuais da natureza humana, fazendo dela, inconscientemente, um nôvo "sobrenatural".

Ao mesmo tempo que devemos rejeitar o conceito marxista de ente genérico com seus pressupostos idealistas e suas concomitâncias materialistas, devemos igualmente frisar a parte de verdade contida nêle. PIO XI, talvez sem pensar nisso, e JOÃO XXIII, com o conceito de socialização, traduziram, em termos racionais e cristãos, o mito marxista do ente genérico: vamos citar os textos que nos precisarão em que sentido podemos dizer com MARX que "a sociedade produz o homem como homem, e é produzida por êle" neste ato do trabalho em que êle "reproduz a natureza, seu corpo inorgânico" (MEF, I, 101; 99).

Escrevia PIO XI: "Os valôres mais universais e mais altos, que só podem ser realizados, não pelo indivíduo, mas pela sociedade, têm, por vontade de Deus, como último fim, o desenvolvimento e perfeição do homem natural e sobrenatural."²³ Por outras palavras, a sociedade, sob o impulso da Trindade criadora, produz o homem como homem, já que o homem é plenamente homem só quando realiza êstes valôres mais universais e mais altos; e só a sociedade realiza êstes valôres, e neste sentido produz o homem. Poucos dias depois, insistia PIO XI: "Mediante a união orgânica com a sociedade, a todos torna-se possível, por mútua colaboração, a realização da felicidade terrena: (um comunista poderia assi-

²¹ Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologica*, I.32.1.3.; a ignorância da Trindade facilita a negação da Criação.

²² Estou aludindo à heresia do *modalismo*, que via em cada uma das Pessoas divinas um modo da essência, não realmente distinto das outras.

²³ PIO XI, Encíclica *Mit brenender Sorge*, sobre "A Igreja em face do racismo nazista", D.P. 133, § 40.

nar esta frase sem dificuldade nenhuma); na sociedade, podem aperfeiçoar-se as qualidades individuais e sociais, inerentes à natureza humana, qualidades que pairam acima do interesse imediato do momento e na sociedade reproduzem a imagem da divina perfeição, o que, no homem isolado, não pode verificar-se."²⁴ Isso quer dizer: as pessoas, reunidas em sociedade pelo trabalho, reproduzem, não só [nem sobretudo] a natureza; mas, e mais do que os indivíduos isolados, a imagem da sociedade eterna das Três Pessoas divinas, seu Criador e, mediante este mesmo trabalho, último fim.

Mas PIO XI marcava claramente os erros e limites do ente genérico marxista ao concluir: "Esse fim da sociedade é, êle próprio, em última análise, ordenado ao homem, para que reconheça o reflexo da perfeição divina e assim o faça reverter em louvor e adoração ao Criador. Não a sociedade humana, qualquer que ela seja, mas somente o homem, ou pessoa humana, é dotado de razão e de vontade moralmente livre." Enquanto, comentaríamos, que as Pessoas divinas são uma só Sabedoria e Vontade, a Fonte incriada do trabalho criado e criador, mediante o qual o homem tem a prova irrefutável, não da sua autocriação, mas da sua criação *ex nihilo*. O Trabalho não é a "essência" do Homem, que êle só manifesta na sua realidade de espírito criado, imortal e encarnado, numa carne mortal.

TRABALHO ALIENADO E ALIENANTE,
REDIMIDO E CORREDENTOR

Podemos sintetizar assim a doutrina de MARX sobre a relação entre trabalho e alienação:

1. "o trabalho externo ao trabalhador não faz parte de sua natureza, é alienação" (MEF, I, 97): "*o trabalho alienado aliena a natureza do homem*" (MEF, I, 100);

2. "se o produto do trabalho é alienação, a própria produção deve ser alienação ativa — a alienação da atividade e a atividade da alienação. O trabalhador não se realiza em seu trabalho, mas nega-se a si mesmo, não desenvolve livremente suas energias mentais e físicas, mas fica fisicamen-

²⁴ PIO XI, *Divini Redemptoris*, D.P., 1, § 29. Esta encíclica, como a precedente, foi publicada em março de 1937.

te exausto e mentalmente deprimido. Seu trabalho não é voluntário, porém impôsto, é trabalho forçado. Auto-alienação. É a relação do trabalhador com sua própria atividade humana como não pertencente a si mesmo, como atividade voltada contra êle mesmo, independente dêle. Criação como emasculação. Atividade como sofrimento, passividade. *O trabalho alienado aliena o homem de si mesmo*". (MEF, I, 97-100, *passim*.)

3. "o trabalho transforma a vida individual em finalidade da vida da espécie, aparece ao homem apenas como meio para a satisfação de uma necessidade, a de manter a sua vida física. O homem, ser autoconsciente, faz de sua atividade vital, livre, de seu ser, unicamente um meio para sua existência individual. O homem fica alienado dos outros homens, da sua vida como membro da espécie, e cada um dos outros alienado da vida humana. *O trabalho alienado aliena o homem da espécie*". (MEF, I, 100-102, *passim*).

Numa palavra, MARX julga que "a produção produz o homem como um ser mental e fisicamente desumanizado, o homem sob a forma de mercadoria" (MEF, II, 109).

Eis os dados essenciais da análise marxista do trabalho alienado. Numa larga medida, coincide, a respeito de uma sociedade capitalista, com a análise bíblica do trabalho numa sociedade tradicional, análise retomada e explicitada pelos Papas. Só numa larga medida: o conflito é radical no tocante ao significado último da alienação justamente denunciada por MARX, e no que tange ao processo de desalienação.

"O trabalho alienado aliena a natureza do homem."

Os autores inspirados do Gênesis e do Eclesiastes o tinham já proclamado: "A terra será maldita por tua causa; tirarás dela o sustento com trabalhos penosos todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o pão com o suor do teu rosto (Gn 3, 17-19); quando cultivares a terra, não te dará os seus frutos (*ibid.* 4, 12); olhei eu para tôdas as obras que fizeram as minhas mãos, como também para o trabalho que eu, trabalhando, tinha feito, e eis que tudo era vaidade e vento, e que proveito nenhum havia debaixo do sol" (Eclesiastes 2, 10-11).

PIO XI e JOÃO XXIII sublinharam as mesmas verdades amargas em termos modernos: o fruto da ação conjunta do capital e do trabalho não deve ser atribuído só ao capital (MM, 73); "inumeráveis trabalhadores em muitas nações e Continentes inteiros recebem um salário que os submete com suas famílias a condições de vida infra-humanas" (MM, 65). Por outras palavras, a maioria dos homens trabalha como escravos, sem perceber, senão muito parcialmente, os frutos dos seus trabalhos.

O pensamento bíblico e cristão frisa também a alienação social do trabalho: "As tarefas humanas são tão mal coordenadas que o trabalho de uns arruína os outros; os gestos dos trabalhadores são utilizados uns contra os outros numa luta sem misericórdia que se traduz, afinal, para a classe operária, pelo desemprego ou, pelo menos, pela insegurança", escreviam BORNE e HENRY.²⁵ A moderna concorrência liberal (cf. MM, 22 e 32-3) evoca o pensamento desiludido do sábio bíblico: "considere todos os trabalhos dos homens, e reconheci que suas habilidades estão expostas à inveja do próximo; e nisto há também vaidade e cuidados inúteis" (Eclesiastes 4, 4). Infelizmente, podemos verificar a atualidade da palavra divina na estrutura da empresa contemporânea, sobretudo nos países subdesenvolvidos. Nela, insinua JOÃO XXIII, o trabalho é considerado pelos membros da empresa só como fonte de lucros, os colaboradores de todos os dias são "reduzidos à condição de simples e silenciosos executores, sem qualquer possibilidade de fazerem valer a própria experiência, completamente passivos quanto às decisões que os dirigem" (MM, 89), alienados da sociedade humana no exercício de seu trabalho.

Muito mais profundamente do que o marxismo, o pensamento bíblico e eclesial mostra-nos como a alienação cósmica e social do trabalho desumanizado culmina numa alienação pessoal radical: "o trabalho corporal, que a Divina Providência, mesmo depois do pecado original, destinara ao aperfeiçoamento material e moral do homem, vai transformando-se em instrumento de perversão. A matéria inerte sai enobrecida da fábrica, os homens é que se corrompem e en-

²⁵ BORNE-HENRY, op. cit., pág. 161.

vilecem com ela” repetia JOÃO XXIII após PIO XI (MM, 238).

Por quê? “No seu empenho de dominar e transformar o mundo exterior, correm o perigo de se esquecerem a si mesmos” (*ibid.*), isto é, alienam sua consciência de serem sujeitos e não objetos, não só (o que MARX percebia) animais *racionais*, que transcendem todos os outros pela reflexão, mas ainda, almas *imortais* inseridas num mundo cuja figura passa.

Confundindo-se com a matéria que eles podem transformar só porque a superam por seus espíritos imortais e livres, muitos dos nossos contemporâneos, em particular os marxistas, “esquecem na ação a própria natureza”, isto é, esquecem na ação transitiva o ato imanente, a reflexão sobre a espiritualidade própria e alheia à qual esta ação externa deveria normalmente conduzir: “os seus ídolos são prata e ouro, obra das mãos dos homens” (Sl 113, 4; cf. MM, 239).

“Ora, é precisamente nesta exigência religiosa” — inseparável do trabalho humano — “que os seres humanos se revelam tais como são: criados por Deus e para Deus” (MM, 211). Na reflexão sobre as condições de possibilidade do trabalho pessoal e da própria reflexão, o homem descobre, imanente a ambos, o Ato Puro, o Ser Transcendente, “fundamento único sobre o qual poderá subsistir uma ordem temporal sólida e fecunda” (MM, 214). O ateísmo aparece assim como “o erro mais radical na época moderna”, e, insiste JOÃO XXIII, “o aspecto mais sinistramente típico da época moderna consiste na tentativa absurda de querer proclamar a grandeza do homem, secando a fonte donde ela brota e se alimenta” (MM, 211, 214). Eis a alienação por excelência, a alienação radical, no sentido marxista do adjetivo: a raiz de todas as outras! a alienação pela qual o homem se torna alheio à sua própria essência e ao que há de mais íntimo em si mesmo: Deus, seu Criador transcendente e imanente.

Muito mais do que os abusos do capitalismo ou da propriedade ou do poder, o ateísmo marxista aliena o homem, na medida em que este homem se deixa convencer que ele é só relação com a natureza e com outrem, e não, antes de mais nada, relação imediata com Deus, e, *dêste modo*, espírito imortal e livre.

Aos olhos mentais de uma pessoa que exerce plenamente a sua razão, e não quer parar a meio caminho, a análise marxista da alienação parece superficial,²⁶ e superada pelo pleno emprêgo do método reflexivo. "A odisséia da consciência alienada inscreve-se no movimento de volta do espírito a sua própria essência. Esta volta, e a volta do espírito a seu fundamento, Deus, não são dois movimentos. A reflexão perfeita exige que o espírito, percebendo-se como relação pura ao Absoluto, vise por isso mesmo à Origem de onde procede." ²⁷

Ao têrmo desta volta, o homem percebe a alienação e a inutilidade do trabalho divinizado, vaidade das vaidades, não só na ordem pessoal ("que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma? Ou que há de o homem dar em troca da própria alma?" — dizia JESUS, (Mt 16,26)), mas ainda na ordem sócio-cósmica: "Se não fôr o Senhor a edificar a casa, é em vão que trabalham os que a edificam" (Sl 126, 1). Os "gigantes" do mundo físico, científico e técnico, reduzem-se, pela monstruosa obra-prima de seu próprio trabalho divinizado, a "pigmeus" do mundo humano, sobrenatural e eterno (cf. MM, 239). Eis a mais profunda corrupção e o mais radical aviltamento do trabalhador!

O cristianismo, contudo, não se contenta com denunciar as alienações — e isso parece ter completamente escapado à cultura, embora vasta, de MARX ²⁸ — mas nos apresenta uma redenção do trabalho humano por CRISTO JESUS, redenção tão completa que torna o trabalho criado corredentor, mesmo na ordem sobrenatural e eterna.

Já no plano natural da única ordem real (tôda polarizada pela vocação sobrenatural do homem) aparece um aspecto positivo da alienação que escapou, pelo menos em parte, aos olhos de MARX, mas não à filosofia cristã: "o trabalho parece ser uma redenção natural, ou, melhor, uma das

²⁶ Bis: cf. PAULO VI, *Ecclesiam Suam*, D.P., 147, § 108, e meu artigo sobre "o diálogo de Paulo VI", *Cadernos Brasileiros*, nov.-dez. 1964, páginas 88-9.

²⁷ S. BRETON, *Mystique de la Passion*, Desclée, 1962, pág. 233 e nota 2.

²⁸ Os raros textos de MARX sobre o cristianismo induzem o leitor a pensar que êle nunca leu com seriedade o Nôvo Testamento!

mais privilegiadas pedras de espera das graças redentoras... Por êle, o homem é forçado a esquecer-se a si mesmo, a colocar o seu centro fora e adiante de si, a aceitar uma lei estranha. Neste sentido, há, a despeito de MARX, uma *alienação normal no trabalho*. E êste esforço é odioso ao homem porque vai em sentido contrário do pecado original pelo qual o homem se fechou em si mesmo, se isolou, se preferiu. Se o trabalho parece fazer violência à natureza humana, é porque esta natureza já sofreu a violência do pecado original", escreve BORNE.²⁹ As raízes idealistas do pensamento marxista não preparavam MARX para valorizar devidamente êste aspecto: a "negatividade" do trabalho histórico do homem desaparecerá completamente pelo estabelecimento do comunismo, "resolução definitiva do antagonismo entre homem e natureza" (MEF, III, 123), ainda dentro da história...

Devemos aceitar a condição histórica do homem, mais humilde. O pensamento marxista sôbre o trabalho oscila entre um otimismo e um pessimismo igualmente alienados da realidade... Como o trabalho, no pensar da escola marxista, é tudo, é um absoluto e um fim último (*selbstzweck*, seu próprio fim),³⁰ êle deveria conseguir para o homem a plenitude da felicidade, uma alegria pura, sem nenhuma mistura de sofrimento. Tôda e qualquer pena no trabalho torna-se alienação inaceitável! O marxismo confunde trabalho e jôgo, esquece que o trabalho tem um fim intermediário que lhe permanece externo, a utilidade. O trabalho seria exclusivamente fonte de alegria se fôsse livre de tôda submissão à matéria. Mas MARX era demasiado tributário do idealismo hegeliano, mesmo quando reagia contra êle, para reconhecer isso!

O mesmo fato patenteia-se de outro modo: na sua análise, em parte justa, do trabalho alienado, êle parece negar qualquer alegria neste trabalho. Se o trabalhador fôsse só um instrumento, um meio e objeto, duramente submetido às exigências da obra, isso seria verdade. Ora, não é, por acaso, isso que está implícito no conceito do ente genérico acima ex-

²⁹ BORNE-HENRY, op. cit., págs. 148-9.

³⁰ Tal é a expressão original alemã do texto traduzido em MEF, I, 105: "no sistema de salários, o trabalho aparece não como um *fim por si*, mas como o servo dos salários".

posto? Não tendo personalidade própria nem espírito imortal, a trabalhador alienado é totalmente tal, e, por conseguinte, não pode experimentar nenhuma alegria de nenhuma espécie no seu trabalho: o trabalho é tudo e êste tudo está alienado...³¹

Pelo contrário, o cristianismo, ao ensinar o valor corre-dor do trabalho redimido, sublinha que o trabalho nunca está totalmente alienado, se o trabalhador o quiser...

CRISTO, por seus trabalhos de Carpinteiro-Deus, e sobretudo por Sua morte na cruz, reparou e expiou todos os pecados pelos quais o homem violou, em sua atividade transformadora da natureza, o desígnio de Deus, e pelos quais, logo, o homem se privara da presença santificadora das Três Pessoas divinas ou da recompensa de um mais profundo enraizamento desta Presença no íntimo de sua personalidade (cf. Jo 14, 23: se alguém guarda a palavra de CRISTO, Êle e o Pai farão nele morada). O trabalho do homem, privado da inabituação divina pela graça e pela caridade sobrenatural, é eternamente estéril, não produzindo nenhum fruto de glória eterna e de visão eterna do Eterno Trabalhador. Ao passo que o trabalho do homem, vara que permanece pela caridade na verdadeira Videira, dá "muito fruto" (cf. Jo 15, 1-5). Os trabalhos de quem pretendesse, até o fim, trabalhar sem CRISTO, secariam neste mundo antes de arder no fogo eterno dos sem-Deus (Jo 15, 6). Enquanto CRISTO veio a êste mundo salvar eternamente não só as almas, mas ainda os corpos, e, por conseguinte, os trabalhos mesmo temporais dos homens, seus irmãos.

CRISTO é o Salvador do Trabalho humano, porque Êle arrancou o agir dos homens ao reino de Satanás e o tornou de nôvo sobrenaturalmente fecundo. Não só o homem pode cooperar com CRISTO, único Salvador, na obra da sua própria salvação eterna pelo oferecimento interno e cumprimento externo dos seus trabalhos temporais, mas êle pode ainda pelos mesmos, embora parcialmente "alienados" e alienantes em virtude do egoísmo próprio ou alheio, cooperar com CRISTO na redenção sobrenatural dos outros homens.

³¹ Cf. MEF, I, 98.

Mesmo a respeito do trabalho mal pago, ou cumprido com instrumentos superados, dos operários dos países subdesenvolvidos, dêste trabalho que MARX qualificaria de "alienado", valem, contanto que seja feito com a devida laboriosidade natural e sobrenatural, as afirmações de JOÃO XXIII: "Todo o trabalho e tôdas as atividades, mesmo as de caráter temporal, que se exercem em união com JESUS, divino Redentor, se tornam um prolongamento do trabalho de JESUS e d'Ele recebem virtude redentora... É um trabalho através do qual não só realizamos a nossa própria perfeição sobrenatural, mas contribuímos também para fazer chegar e distribuir aos outros os frutos da Redenção, levedando assim, com o fermento evangélico, a civilização em que vivemos e trabalhamos" (MM, 253).

Por outras palavras, o Redentor não reduziu os "inumeráveis trabalhadores" vítimas das "condições infra-humanas" ligadas ao subdesenvolvimento (MM, 65) a serem puros objetos da Sua obra redentora, mas os associa conSigo, na medida em que eles o querem, como sujeitos da história redentora, e redimida, do gênero humano. Num sentido bem diferente daquêle que MARX tinha em mente, é graças a CRISTO e em CRISTO que os proletários imbuídos de fé se tornam, cada vez mais, pelo oferecimento interno dos seus trabalhos externos no mistério eucarístico, o povo messiânico, o messias coletivo encabeçado pelo Messias pessoal e que, por Ele, salva a humanidade desenvolvida, merecendo para as nações ricas a pobreza de espírito que condiciona a sua própria salvação temporal, a sua desalienação sócio-econômica.

Mas isso é possível só porque êsses trabalhadores reunidos não constituem um "ente genérico" despersonalizador de cada um dêles, reduzido a categoria de puro objeto pelo pseudo-sujeito coletivo que é o ente genérico. E porque, embora parcialmente alienados no plano sócio-econômico, aceitaram a desalienação espiritual oferecida por CRISTO, e salvaguardaram assim a possibilidade de reconhecer ainda como seu um trabalho "forçado, impôsto", mal pago, no gesto mesmo pelo qual o oferecem a Deus. Se não fôsse dêles, como seria possível que eles o oferecessem? E não seria por acaso, na oblação do trabalho "alienado" a Deus que consistiria

a suprema maneira e possibilidade de se apropriar de seu próprio e (em certo sentido) inalienável trabalho, do mundo e de si mesmo? Só permaneceria irredutivelmente alienado o que não fôsse oferecido, o trabalho não integrado no culto.

Entende-se melhor, então, que o trabalho humano tenha como finalidade a união sacramental com CRISTO que êle condiciona: "Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que dura até a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará... A obra de Deus é esta: que acrediteis naquele que Êle enviou... Eu sou o Pão da vida" (Jo 6, 27-35).

Inversamente, a graça sacramental da Eucaristia estimula e facilita a laboriosidade, pelo menos de per si. Seria uma verdadeira profanação do mistério eucarístico pretender aproximar-se dêle sem cumprir com o dever de trabalhar, digamos melhor: uma comunhão sacrílega. À Eucaristia também se aplicam as admoestações de PAULO, o fabricante de tendas.

"Se alguém não quer trabalhar, também não coma. Alguns entre vós andam inquietos, nada fazendo, mas ocupando-se em coisas vãs. A êstes, pois, ordenamos e rogamos no Senhor JESUS CRISTO que comam o seu pão, trabalhando pacificamente... Se alguém não obedece ao que ordenamos pela nossa carta, notai-o e não tenhais comércio com êle, a fim de que se envergonhe... Advarti-o como irmão" (II Tess 3, 10-15).

Estas palavras de SÃO PAULO ajudam-nos a entender que seria só por um abuso e uma profanação que a Eucaristia, em lugar de *causar* a apropriação do próprio e inalienável trabalho, por sua graça sacramental, *ocasionasse* novas alienações. Pelo contrário, graças a ela os cristãos, como SÃO PAULO, "não comem de graça o pão de ninguém, mas, com fadiga, trabalham de dia e de noite" (cf. II Tess. 3, 8) não só "para não ser pesados aos outros" mas ainda para lhes saciar a fome (cf. Mt 25, 35). Ao pedirmos "o pão nosso de cada dia nos daí hoje", conforme a vontade de um Salvador carpinteiro que tinha lucrado o pão cotidiano mediante um trabalho não menos cotidiano, não estamos praticando um preguiçoso "providencialismo", mas rogamos à divina Providência, sem nenhuma ansiedade, com confiança total,

a força necessária para "semear, ceifar, fazer provisões nos celeiros" (cf. Mt. 6, 26), para "comer o nosso pão por um trabalho pacífico" (cf. II Tess 3, 12). Porque não somos nós "aves dos céus", mas homens, destinados por Deus a dominar e utilizar, pelo trabalho, os animais (cf. Gn 1, 28).

Pedir sinceramente, hoje, no quadro do mistério eucarístico, o pão de cada dia para as multidões humanas é, inseparavelmente, pedir a força de trabalhar pela industrialização e pelo desenvolvimento do Terceiro Mundo. "Suas condições de vida infra-humanas devem-se a estar numa condição de insuficiente desenvolvimento o seu processo de industrialização" (MM, 65; cf. MM, 160 e 165). A Igreja do século XX pede a Deus, em CRISTO e com CRISTO, uma nova multiplicação dos pães, no deserto dêste mundo, mediante o milagre da caridade fraterna e eucarística que condiciona, numa larga medida, o aumento da produtividade e a industrialização dos países pobres (cf. MM, 4).

Tal é o significado moderno da antiga petição inspirada do Salmista: "A bondade do Senhor, nosso Deus, esteja sobre nós: favorece a obra das nossas mãos, sim, a obra das nossas mãos, favorece" (Sl 89, 17). Com efeito, sem a industrialização, as pessoas humanas do Terceiro Mundo não poderão experimentar a verdade desta bemaventurança do Saltério: "Bemaventurado és tu, quem quer que seja, que temes o Senhor, que andas nos seus caminhos! Porque *comerás do trabalho das tuas mãos*, bemaventurado serás" (Sl 127, 1-2). Pela industrialização, o homem não está mais privado do trabalho das suas mãos.

No quadro desta síntese Eucaristia-industrialização,³² renova-se, na Igreja de hoje, a redenção do trabalho e o trabalho da Redenção. É nela que se verifica, e se verificará sempre mais, a afirmação lapidar de JOÃO XXIII: "O Cristianismo é, *de fato*, a realidade da união da Terra com o Céu" (MM, 2).

³² Desenvolvo este tema num outro estudo, a ser publicado posteriormente, sobre "Eucaristia e Economia Social". João XXIII dizia: "Para tornar as relações de convivência genuinamente humanas... requer-se que as pessoas vivam, no próprio íntimo, o seu agir de cunho temporal como uma síntese dos elementos científico-técnico-profissionais e dos valores espirituais" (*Pacem in Terris*, D.P., 141, §§ 149-50).

SUPERAÇÃO ESCATOLÓGICA DO TRABALHO
NO ATO DA VISÃO BEATÍFICA

Para conhecer autêntica e completamente a natureza de um ser, é preciso conhecer o seu fim. Isso vale também acêrca do homem e do trabalho humano. Não poderemos compreender o marxismo sem lhe analisar a escatologia nem concluir tal investigação sem perceber que, apesar das intenções de MARX, ela nos remete aos mistérios da Trindade e da Encarnação Redentora, à escatologia bíblica sem os quais a doutrina marxista permanece, total ou parcialmente, incompreensível. Porque ela quer (em vão) transpor e laicizar êstes mistérios.

1. *A escatologia marxista*: o comunismo, dentro da história, pretende realizar:

a) *a superação do conflito homem-natureza*: não sem paradoxo, MARX apresenta-nos a natureza como o corpo inorgânico e ao mesmo tempo o inimigo do homem, que ela salva inúmeras vêzes só para matá-lo afinal, salvando a humanidade a custo do homem, sua parte.

"Dizer que o homem *vive* da natureza significa que a natureza é o corpo dêle, com o qual se deve manter em contínuo intercâmbio a fim de *não morrer*. A afirmação de que a vida física e mental do homem e a natureza são interdependentes simplesmente significa ser a natureza interdependente consigo, mesma, pois o *homem é parte dela* (MEF, I, 99)".

Curiosas contradições: os homens, cuja superioridade sôbre os outros animais, revelada precisamente no trabalho e por êle, fato especificamente humano, como MARX reconhece explicitamente (MEF, I, 100-101), são, não obstante, uma parte da natureza, sem nenhuma superioridade sôbre a natureza no seu conjunto; esta parte, que vive do todo, acaba morta por êle. No antagonismo entre "homem e natureza, indivíduo e espécie" (MEF, III, 123) "a morte parece ser uma impiedosa vitória da espécie sôbre o indivíduo: porém o indivíduo, *em particular*, é apenas um *determinado ente genérico*, e, como tal, mortal" (MEF, III, 126). Por outras palavras, a morte é, em linguagem marxista, a vitória do corpo inorgânico do homem particular sôbre seu corpo

orgânico, e, muito mais do que o homem vive da natureza, a natureza humana, isto é, a espécie, vive da morte dos homens... por um suicídio cósmico!

Como pretender, então, por uma suprema contradição, que, apesar da morte, "o comunismo é a verdadeira apropriação da natureza humana através do e para o homem"? Que o comunismo "é o retorno do homem a si mesmo como um ser social, isto é, realmente humano, a resolução definitiva do antagonismo entre o homem e a natureza, a verdadeira solução do conflito entre indivíduo e espécie" e "a resposta ao enigma da história", isto é, à morte (MEF, III, 123)?

As contradições insuperáveis pelas quais MARX pretende responder ao "enigma da história" constituem, em seu turno, outro enigma indecifrável para quem não percebeu, com muitos intérpretes,³³ que ele deseja efetivar, dentro da história, a economia meta-histórica dos "novos céus" e da "nova terra" da Revelação bíblica e do messianismo judeu-cristão (cf. Is 51 e 65; Rm 8; Ap 21, 1). Se ele admite, com tanta facilidade, a mortalidade total do homem particular, "determinado ente genérico" é ainda porque ele transpõe, sob a influência inconsciente do idealismo hegeliano, deturpador da Revelação bíblica, a Ressurreição no ente genérico não determinado: "a sociedade é a união afetiva do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo realizado do homem" (MEF, III, 125) malgrado a morte! ou, digamos melhor, graças a ela!

Fato revelador: aos olhos de MARX, não é o homem, mas a natureza que ressuscita, e da morte perene dos homens, na sociedade. O "naturalismo realizado do homem" é, também, a naturalização deformadora do mistério cristão da morte e da ressurreição, mistério sobrenatural; naturalização explicável pela substituição do ente genérico à Idéia absoluta de HEGEL.³⁴ Do mesmo modo que esta Idéia ou Saber absoluto era, no sistema hegeliano, "sujeito absoluto, processo de

³³ Por ex.: FESSARD, S. J., *Le dialogue catholique-communiste est-il possible*, Grasset, 1937, capítulo final, e MARTELET, num livro a ser citado posteriormente.

³⁴ Cf. J. HYPPOLITE: "É evidente que MARX substitui a idéia absoluta hegeliana por este ente genérico, por esta essência do homem (*Logique et Existence*, Paris, 1961, pág. 235).

auto-alienação e retôrno da alienação para si mesmo",⁸⁵ assim, aos olhos de MARX, "HEGEL concebe o trabalho como o ato de autocriação do homem por si mesmo, relação consigo mesmo como com um ser alheio, a atuação de si mesmo como ser alienado considerados como consciencia e vida genéricas em devir" (MEF, III, 173: modifíco a tradução à luz de DOGNIN). Para ambos, o homem concreto, o indivíduo é uma abstração.

Por uma lógica irônica, que teria deixado MARX estupefato se dela tivesse tomado consciência, seus pressupostos idealistas e hegelianos, que o conduziram a confundir o homem real com a generalidade lógica do ente genérico, sacrificando o primeiro ao segundo, acabaram mergulhando seu pensamento na "mais radical das alienações: se a morte não é vencida, não é o homem, mas a natureza, que é, em última análise, o ser supremo do homem... O reino do homem sobre a natureza no trabalho não absorverá, afinal, o reino da natureza sobre o homem na morte, jamais a natureza será verdadeiramente humanizada", como frisa muito bem G. MARTELET, S.J.⁸⁶

MARTELET patenteia assim muito claramente o significado verdadeiro do aforismo de MARX: "o homem é parte da natureza" (MEF, I, 99). Longe de resolver "o enigma da história", o comunismo marxista desemboca no mais total absurdo de uma natureza devorando-se a si mesmo sem comêço nem fim... E o homem nunca chega a ser realmente tal, nem o pode. Com efeito, MARX proclama que "a afirmação do homem como verdadeiro ente genérico, isto é, como ser humano, só é possível na medida em que êle de fato põe em ação tôdas as potencialidades da espécie, graças à cooperação da humanidade e como *produto da história*" (MEF, III, 163). Ora, como MARX nunca afirma um fim da história humana, cujos últimos representantes teriam esgotado as possibilidades da espécie, podemos dizer que seu sistema merece a mesma crítica radical que êle dirigia ao de HEGEL: "o homem real converte-se em mero predicado dêsse homem irreal e oculto" (MEF, III, 174) que é o "ente genérico"!

⁸⁵ MEF, III, 174.

⁸⁶ G. MARTELET, S.J., *Victoire sur la Mort, Chroniques sociales de France*, Lyon, 1962, pág. 75.

b) a *superação da divisão do trabalho*: aos olhos de MARX, "a divisão do trabalho e a propriedade privada são expressões idênticas: numa, a mesma coisa é afirmada com referência à atividade que, na outra, o é com referência ao produto da atividade".³⁷ A superação da alienação que é a propriedade privada é, portanto, inseparável da supressão da divisão do trabalho.

É bem isso que entende MARX: "uma vez o trabalho distribuído, cada homem tem uma esfera particular, exclusiva, de atividade, a ele imposta e da qual não pode fugir. Ele é caçador, pescador, pastor ou crítico e assim tem de permanecer, se não quiser perder seus meios de subsistência. Enquanto na sociedade comunista, onde ninguém tem uma esfera exclusiva de atividade, mas cada um pode realizar-se em qualquer ramo se o desejar, a sociedade regula a produção geral e torna assim possível para mim fazer uma coisa num dia e outra amanhã, caçar de manhã, pescar de tarde, criar gado de noite, criticar depois do jantar, como eu quiser, sem jamais me tornar caçador, pescador, pastor ou crítico".³⁸

Traduzamos este sonho em termos mais concretos: "para instaurar a sociedade comunista, não bastará decretar a propriedade coletiva, será ainda preciso estancar-lhe a fonte, isto é, o trabalho privado, dividido. Não haverá comunismo sem trabalho coletivo, suprimindo a divisão do trabalho".³⁹ sempre o mesmo desejo de superar, dentro da história, a condição histórica do homem! A sociedade comunista será, diz ainda MARX, "uma reunião de homens livres, trabalhando com meios de produção comuns e gastando conforme um plano preestabelecido suas numerosas forças de trabalho individuais como uma só e idêntica força de trabalho social".⁴⁰

Não sublinhemos demais um ponto bastante óbvio: MARX bloqueia numa única e indivisível afirmação o planejamento (necessário) e a supressão da divisão do trabalho (condição indispensável do planejamento). O progresso téc-

³⁷ K. MARX, *Ideologia alemã*, citado por FROMM, *Conceito Marxista*, pág. 187.

³⁸ *Ibid.*, págs. 187-8.

³⁹ DOGNIN, *op. cit.*, pág. 412.

⁴⁰ MARX, *Capital*, Livro I, fim.

nico das sociedades humanas, mesmo "comunistas", só acentua esta divisão do trabalho, longe de suprimi-la.⁴¹

É preferível frisar com DOGNIN que o homem da sociedade comunista é concebido por MARX segundo um esquema, que convém só ao Deus uno e trino. O fim do coletivismo é que, na natureza transformada pelo trabalho dêste homem, não se possa mais distinguir a obra, e por conseguinte, a propriedade, de PEDRO, PAULO e JOÃO. Como o mundo é a obra e propriedade coletiva, sem nenhuma divisão do trabalho entre elas, das Três Pessoas divinas, assim o desejo de MARX : que o mundo humanizado seja a obra e propriedade coletiva de uma humanidade afinal constituída numa única força de trabalho, que o mundo seja dêste modo a objetivação e "confirmação do homem como ente genérico" (MEF, I, 100) muito mais do que como pessoa individual.⁴²

Sintetizando, diremos que MARX concebe a sociedade comunista, o ente genérico, como uma só e única essência e força de trabalho criador, na pluralidade das pessoas, cuja atividade será um ato puro, liberto do pêso de qualquer especialização imposta pelas circunstâncias. Ele quer colocar o ente genérico, a sociedade humana, no lugar da Trindade Divina, mediante a morte coletiva do proletariado messiânico, compensada só por uma ressurreição impessoal da natureza. O marxismo não é só a "naturalização do homem mediante a fracassada humanização da natureza, mas ainda uma absurda tentativa para "naturalizar" os mistérios da Trindade e da Encarnação Redentora, irredutivelmente sobrenaturais.

A parte de verdade escondida neste êrro monstruoso ⁴³ poderia ser assim formulada: o verdadeiro "ente genérico"

⁴¹ Para ser mais preciso, MARX não quer eliminar tôda divisão dos trabalhos, mas só uma divisão contrária às vontades dos trabalhadores; cf. o texto ao qual alude a nota 34. MARX alimenta o desejo quimérico de um homem politécnico. Cf. DOGNIN, op. cit., pág. 425.

⁴² Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologica*, I. 32. 1: DOGNIN (op. cit., pág. 424) mostra que é precisamente porque o mundo é obra e propriedade comum da Trindade que não se pode chegar ao conhecimento dêste mistério pela razão humana, a despeito do que dizia FEUERRACH ao mesmo tempo que transpunha, isto é, pretendia transpor, o mistério para a esfera humana: "a isso pode-se chegar naturalmente", cf. minha nota 17.

⁴³ Cf. PIO XI, falando precisamente acêrca do comunismo: "todo êrro contém uma parte de verdade" (D.P. 1, § 15).

das Três Pessoas divinas quer elevar pessoas humanas, individuais mas intrinsecamente sociais por natureza, através do trabalho dividido mas associado na unidade de uma única Igreja, pela morte e pela ressurreição do Homem-Deus, e por uma participação corporativa nesta morte e nesta ressurreição, ao ato sobrenatural e supremo do homem: a visão beatífica do Ato puro e incriado.

O Verbo de Deus, humanizando-se, tornou-se carpinteiro, ingressando assim na economia da divisão do trabalho.⁴⁴ Êle foi mesmo proprietário.⁴⁵ Mas tudo isso para libertar escatologicamente os homens da divisão dos trabalhos e da propriedade privada, nos "novos céus" e na "nova terra", indivisivelmente obra e propriedade coletiva das Três Pessoas Divinas e das pessoas humanas", confirmadas ao mesmo tempo na sua natureza social e na posse comum da natureza cósmica, na graça e na glória.

2. Trabalho terreno e escatologia cristã:

Para os discípulos de MARX, "não há nada fora do trabalho, o trabalho deve ser tudo". Assim se exprimia, em 1932, LÉON JOUHAUX, líder sindicalista francês.⁴⁶ Por quê? Porque o homem "é por essência produtor e consumidor de bens materiais".⁴⁷ Trabalhar, transformar a natureza, "corpo inorgânico do homem", é, simultâneamente, o fim último, intermediário e imediato dêste ser totalmente mortal. Neste *fazer* transeunte e transitório, revela-se, mas, também, esgota-se, o *agir* imanente votado à passividade total de uma morte íntegra. Relembremos os textos decisivos: "a atividade vital *consciente* distingue o homem dos animais; só

⁴⁴ O livro sagrado do *Eclesiástico* (cap. 38, 25 sq. e 39) opõe vigorosamente a tarefa do letrado, inserido nos "centros de decisões", como diríamos hoje, e o papel mais humilde do carpinteiro, "sem (o qual) não se edificaria uma cidade", mas que "não entrará nas assembléias, não se assentará na cadeira do juiz". Podemos dizer que JESUS foi sucessivamente, mas não simultâneamente, carpinteiro e sábio letrado, intérprete das parábolas, ao contrário do que desejava MARX para o homem comunista...

⁴⁵ Ver a constituição apostólica de JOÃO XXII (o longínquo predecesor medieval de JOÃO XXIII), que condena como *herética* a proposição: JESUS não foi proprietário. Base bíblica: Mt 13, 1; Jo 12, 8. Cf. DENZINGER-SCHÖN, 930-1.

⁴⁶ L. JOUHAUX, *Le Populaire* de 16-IX-1932; Cf. BORNE-HENRY, op. cit., pág. 89.

⁴⁷ BORNE-HENRY, op. cit., pág. 206.

por esta razão, êle é um ente genérico. . . O indivíduo em particular é apenas um determinado ente genérico e, como tal, mortal" (MEF, I, 100; III, 126).

Em face desta idolatria trabalhista, a filosofia cristã relembra que "o trabalho tem um fim exterior a si, a utilidade que deve sempre ser criada e renovada".

"Logo, não pode ser um absoluto, um fim último."⁴⁸ Ela vê no trabalho ao mesmo tempo, para retomarmos categorias aristotélicas, um fazer transitivo e um agir imanente, um fazer que aperfeiçoa o mundo dos objetos e um agir que atua as potencialidades do sujeito. Transformar o mundo pelo trabalho é só um meio para transformar os trabalhadores; tanto o agir como o fazer são polarizados pelos fins imediato (sustentar a própria vida), mediato (desenvolvimento da vida social) e último (servir e glorificar a Deus) do trabalho humano. Se o fazer e seus produtos passam, o enriquecimento ontológico procurado pelo agir, inseparável do fazer, permanece. O fazer morre à imagem do corpo, enquanto o agir esculpe a alma imortal, relação a Deus.

Com estas afirmações, a filosofia chega a seu limite. "O trabalho é um valor eminente, porque é mais do que atividade de produção, porque é ato de inteligência e de amor." Não só engrandece o universo, mas "ajuda o próximo e glorifica o Criador".⁴⁹ Que pode acrescentar a razão humana, sem as luzes da Revelação?

O Revelador manifestou ao homem que seu ato fundamental, polarizador de todos os outros, devia ser a intuição amante da geração eterna do Filho-Verbo de Deus e da espiração eterna do Espírito de Amor. O supremo ato do homem concreto, elevado à ordem sobrenatural, não é transformação da natureza externa, nem o conhecimento reflexivo da sua própria liberdade espiritual e imortal, mas um ato que supera tôdas as forças naturais do homem, logo um ato recebido de Quem é seu Objeto imediato, imanente e transcendente, um *ato passivo*.

O homem concreto não se realiza antes de mais nada pelo trabalho, mas pela visão de Deus. O ato da visão bea-

⁴⁸ *Ibid.*, pág. 159.

⁴⁹ *Ibid.*, págs. 204, 59.

tífica (como a elevação do homem, à vista sobrenatural) é um dom gratuito que nenhum trabalho puramente humano pode conquistar, ao mesmo tempo que é a conquista, a recompensa, o inefável salário de quem, divinizado pela graça, humanizou a natureza por seu trabalho. O homem é, e inseparavelmente, um animal sócio-político e religioso destinado à visão da Sociedade incriada das Pessoas divinas mediante a "criação" laboriosa da sociedade humana, conquistadora do cosmos, num labor transeunte unido ao trabalho imanente da fé (cf. Jo 6, 29).

Por ser passivamente recebido, êste ato da visão beatífica não é menos um ato, um ato supremo, da inteligência humana, antecipado pelo ato da fé viva e animada pela caridade, já neste mundo.

Mas esta antecipação da visão beatífica na vida contemplativa da terra realiza-se no meio de purificações ativas e passivas, que SÃO JOÃO DA CRUZ descreveu de modo insuperado e inesquecível. Que são, senão o trabalho de Deus na sua criatura racional em caminho de divinização? O espírito humano é a matéria do trabalho do divino Operário. Se a humanidade está trabalhando a matéria, Deus está trabalhando o homem. Somos simultâneamente trabalhadores e trabalhados, e a docilidade da matéria para com nosso trabalho nos deve servir de exemplo.

Obra e operário, o homem situa-se entre Deus e o Mundo: obra sempre inacabada, sempre oferecida à ação divina, operário sempre disponível para transformar o mundo. Apesar do marxismo, o homem não pode ser só sujeito de ação, mas deve consentir em ser objeto para um Ser mais poderoso e melhor do que êle. O trabalhador é, forcoso e dolorosamente, trabalhado ao mesmo tempo que trabalhador, e trabalhado no seu próprio trabalho.

Da infância amarga e da juventude laboriosa de SÃO JOÃO DA CRUZ saíu uma das maiores clarividências que tenham jamais espantado os homens. O trabalho, mesmo "alienado" no plano econômico, mas inalienável no espiritual, pelo menos inalienável contra a vontade do trabalhador, é a condição prévia, a mediação divinamente estabelecida para chegar às alturas da vida contemplativa, que Deus ao mesmo

tempo oferece e impõe à liberdade humana. Se esta não consentir em humanizar a natureza pelo trabalho, Deus não a trabalhará para a divinizar. Daí decorre a obrigação rigorosa do trabalho.

Nestas perspectivas,⁵⁰ tudo se esclarece. A alegria no trabalho ativo do homem permanece misturada e imperfeita, como que negativa, porque dispõe o homem a acolher, através do sofrimento das purificações passivas, outra alegria maior e mais gratuita, participação da plenitude infinita da alegria de Cristo Salvador (cf. Jo 17, 13). E se o mundo moderno faz da produção um absoluto, é para encher o vazio deixado nos corações pela ausência do ato por excelência do homem: a contemplação adoradora.

Os seis dias do trabalho humano não têm sentido sem o sétimo dia do repouso em Deus. A participação no repouso bemaventurado de Deus em Si mesmo, pela fé que torna o homem semelhante, na sua ação sobrenatural, à prolação do Verbo, e pela caridade que o assemelha à espiração do Espírito Santo, é superior à semelhança com Deus criador pelo trabalho. O mais alto atributo de Deus não é sua ação criadora do mundo e nêle, mas sua transcendência absoluta em face do mundo criado.⁵¹ A criação, aliás, não é relação de Deus ao mundo (isso seria uma relativização do Absoluto), mas do mundo a Deus. Pelo trabalho que acaba a criação, o homem torna-se, sempre mais, relação ao Absoluto, dependente d'Ele, merecedor do repouso eterno na contemplação da suprema "produção": não a, traseunte, do mundo *ex nihilo*, mas a dição imanente do Verbo incriado em que Deus se exprime a Si mesmo o conhecimento que Ele tem de Sua eterna Bondade e da Bondade de tôdas as criaturas que participam dela, a geração do Filho que Deus gera de Si e não do nada, para depois, com Ele, "espirar" o Espírito do Amor pelo comum amor da comum amabilidade de ambos⁵² e da amabilidade do mundo.

⁵⁰ Sobre este assunto, ler o admirável livro do grande teólogo brasileiro PENIDO: *Itinerário Místico de S. João da Cruz*. (Vozes).

⁵¹ Inspiro-me aqui nos desenvolvimentos de BORNE-HENRY, págs. 222-4, 259 e 230.

⁵² *Bis*: cf. HÄRING, op. cit.

Assim, a contemplação facial e amorosa da Produção criada das Pessoas Divinas é a razão de ser da produção criada que é o trabalho humano. Um pouco como estas "processões" íntimas das Pessoas Divinas constituem, aos olhos de SANTO TOMÁS DE AQUINO, a razão de ser da processão externa que é a criação.⁵³

Entendemos, então, porque uma voz do céu ditou ao Apóstolo JOÃO a mensagem perenemente atual: "Escreve: Bemaventurados os mortos que morrem no Senhor. De hoje em diante, diz o Espírito que descansem dos seus trabalhos, porque as suas obras os seguem" (Ap 14, 13).

CONCLUSÃO

O marxismo é incompreensível para quem não conhece os mistérios do cristianismo. O grande infortúnio de MARX, "ateu absoluto",⁵⁴ foi de ter tomado contacto com êles, não através do maior pensador cristão, SANTO TOMÁS DE AQUINO, mas através do que êle mesmo chamou, com tôda razão, uma "caricatura teológica" (MEF, Introdução de K. MARX, 92) oriunda do hegelianismo. Aplica-se perfeitamente a uma teologia hegeliana, mas de modo algum à teologia tomista, o que MARX escrevia da teologia em geral: "Descrerei alhures" (N. B.: não consta que MARX o tenha jamais feito!) "com maior minúcia, êsse ato interessante de justiça histórica, essa nênese que agora destina a teologia, sempre o setor infectado da filosofia, a espelhar em si a mesma dissolução negativa da filosofia, isto é, o processo da sua decadência" (*ibid.*).

⁵³ Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologica*, I. 37. 2. 3; 34. 3; 27. 5. 2. que sintentizo aqui. A expressão "produção de uma pessoa divina" foi empregada várias vezes por SANTO TOMÁS: I. 30. 2. 4; 42. 2 etc.

⁵⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologica*, I. 45. 6; I. 45. 7. 3. A afirmação precedente pode também ser formulada assim: o desejo natural da visão beatífica finaliza o desejo natural do Estado, da sociedade civil que é a razão de ser do trabalho humano. Tema profundamente desenvolvido por J. Y. JOLIF, O.P.: "Le sujet pratique selon SAINT THOMAS D'AQUIN" in *Recherches de Philosophie* VI, DESCLÉE DE BROUWER, 1963, págs. 31-44. JOLIF mostra muito bem como o moderno discípulo do Doutor Angélico pode, ao mesmo tempo que rejeita o idealismo hegeliano, utilizar alguns aspectos da dialética hegeliana.

Realmente, uma teologia hegeliana, construída sobre a areia movediça do idealismo, será sempre votada ao fracasso.

E isso vale, em particular, de uma teologia hegeliana do trabalho. Por quê? Porque o idealismo hegeliano se liga inseparavelmente com um racionalismo que pretende explicar completamente, só pela razão humana, a totalidade do real, inclusive da religião. MARX podia, ainda com certa razão, criticar o projeto hegeliano deste modo: "Se a filosofia da religião é a única existência verdadeira da religião, só sou verdadeiramente religioso como filósofo da religião, e contesto o sentimento religioso efetivo e o homem religioso concreto" (MEF, III, 172). "Eles são alegoria de minha existência filosófica" (*ibid.*).

A teologia católica, e mui especialmente a tomista, escapa completamente a estes ataques justificados por sua rejeição e condenação do idealismo racionalista, de que MARX não ficou imune, como foi visto. Não foi nêle que MARX bebeu o veneno seguinte: "Quanto mais de si mesmo o homem atribui a Deus, tanto menos lhe resta" (MEF, I, 95)? A este aforismo, bastará que oponhamos outro, de SANTO TOMÁS DE AQUINO: "tolher algo à perfeição das criaturas é tolher (isso) à perfeição do poder divino": a ação e causalidade própria, o trabalho do homem manifestam a potência e a bondade de Deus! ⁵⁵

Num ponto, contudo, a Igreja de JOÃO XXIII e de SANTO TOMÁS DE AQUINO concorda, embora seja em sentido diverso, com o pensamento marxista: não haverá *praxis* eficaz se não houver, pelo menos da parte de um escol, uma teoria da *praxis*. A ação social da Igreja é inseparável da sua doutrina social (cf. MM, 5 e 218-229). O desenvolvimento econômico-social do Terceiro Mundo depende em grande parte da seriedade e profundidade da reflexão filosófica e teológica dos intelectuais católicos sobre este desenvolvimento, e

⁵⁵ Título de um artigo do PE. G. MOREL, S.J. (*Etudes*, fevereiro de 1965). A partir de trabalhos históricos, MOREL mostra que MARX nunca patenteou o mínimo sinal de fé religiosa, muito pelo contrário. A luz de MARTELET (op. cit., págs. 136-7) poderíamos acrescentar que é impossível negar a Deus sem cair na afirmação de um Incondicionado divinizado: no caso do marxismo, é a natureza. O ateísmo marxista é mais idolatria do que ateísmo.

particularmente dos intelectuais católicos dêste Terceiro Mundo.

O Pe. CHENU mostra muito bem como o evangelismo de SANTO TOMÁS lhe permitiu superar o dualismo ação-contemplação do pensamento grego e construir uma teologia, que é um saber ao um tempo contemplativo e ativo. Enquanto HEGEL reduz tudo ao pensamento e MARX à ação, a obsessão do mundo a salvar pelo trabalho e pela contemplação dimana, no coração de JOÃO XXIII como no de SANTO TOMÁS, do conhecimento vital das Missões visíveis das Pessoas Divinas e do mistério de um Deus encarnado neste mundo.⁵⁶ E o trabalho eficaz das massas cristãs depende de uma visão cristã e humana do trabalho na mente dos intelectuais. *Agere sequitur esse, et etiam cognoscere.*

Mediante esta visão, as massas transformar-se-ão sempre mais num povo de pessoas organicamente unidas numa ação comum. E êste trabalho associado manifestará a cada um, não só a sua natureza social e comunitária, mas ainda, contra FEUERBACH, o papel, de modo algum acidental,⁵⁷ de sua personalidade irredutivelmente única. O trabalho é o terreno de escol da "socialização personalizadora" (MM, 56-64).⁵⁸

Não poderíamos apanhar e sintetizar melhor êste ensaio sobre o alcance escatológico do trabalho terreno, criado e criador, alienado mas redimido e corredentor, senão oferecendo ao leitor a mais recente e brilhante apresentação da doutrina da Igreja a êste respeito:

"A figura dêste mundo passa e a fraternidade humana seria bem curta se fins terrenos constituíssem seu único horizonte. Os valores espirituais do trabalho humano não encontram todo o seu sentido senão na sua relação com a vida eterna, à qual é chamada a humanidade redimida pela graça de CRISTO.

"Se o que era alegre atividade criadora no plano de Deus se tornou pelo pecado trabalho austero e pena difícil a su-

⁵⁶ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa contra Gentiles*, III, 69.

⁵⁷ SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologica*, I, 43. 7. Consultar sobre o assunto M. D. CHENU, O.P., *Saint Thomas d'Aquin et la Théologie*, Seuil, 1960, págs. 62-5.

⁵⁸ Cf. o texto de FEUERBACH ao qual alude a nota 17.

portar, eis que este rude combate cotidiano, humildemente aceito, vem a ser redentor, à imitação do trabalho de JESUS de Nazaré.

"A esta luz, o escândalo do sofrimento do trabalho transmuta-se em gesto de oferecimento: o pão e o vinho, frutos do trabalho do homem, tornam-se também o símbolo de sua alegria, de sua vida, de sua pena livremente consentida e generosamente oferecida em sacrifício associado ao do Redentor.

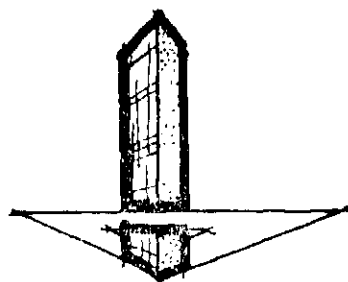
"A humilde tarefa humana, assumida por CRISTO, está sendo por Ele oferecida ao Pai, toma valor de eternidade, e, pelo trabalho, que constrói uma cidade mais fraterna, o homem prepara-se, sem sempre o saber, para ingressar na cidade celestial, onde os valores de alguém serão transfigurados.

"Cooperando assim com a construção da cidade terrestre, cada trabalhador — seja ele chefe de empresa ou assalariado, artesão ou comerciante, operário rural ou industrial, ou membro das profissões liberais — unir-se-á à obra criadora do Pai, à obra redentora do Filho, e à obra santificadora do Espírito. Marcados com o sinal da cruz, a renúncia e o sofrimento do trabalho tornam-se plenitude na luz do CRISTO ressuscitado e na espera de Seu advento no fim dos tempos."⁵⁹

Eis, em face do marxismo, a visão cristã do trabalho.

⁵⁹ Carta Pontificia à Semana Social da França, de 1964; *Documentation Catholique*, n.º 1.429, col. 931-3.

JOÃO FORTES
ENGENHARIA SA



CONSTRUÇÕES * INCORPORAÇÕES * ADMINISTRAÇÕES
RUA MEXICO 21 GRUPO 202 TELS. 22 22 15 - 32 39 29